



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

EM BUSCA DE SI E DO OUTRO: HOMOEROTISMO E SEXUALIDADE EM “PELA NOITE” DE CAIO FERNANDO ABREU

Francisco Aedson de Souza Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, aedsonsouza@yahoo.com.br

Escritores, através de imagens simbólicas e metafóricas, compartilham diversos e variados sentidos para colocar em foco formas de representação da busca de si mesmo e/ou do Outro, aspecto esse, que se verifica como uma marca na ficção do gaúcho Caio Fernando Abreu. Nesta perspectiva, objetivamos, nesse trabalho, analisar o conto “Pela noite”, integrante da obra *Estranhos estrangeiros* (1996), do referido escritor, dando destaque a questão do homoerotismo e da sexualidade que são desencadeadas por meio de uma procura incessante de si mesmo e do outro. Defende-se, que a questão do homoerotismo e da sexualidade em Caio enaltece por um lado, aspectos ideológicos – o preconceito sexual e a exclusão – por outro lado, o estranhamento do ser na busca de um espaço para expressar o amor abertamente e da aceitação enquanto sujeitos que fogem do paradigma social. Para a análise pretendida, consideramos significativas contribuições teóricas os estudos de Oliveira (2014), Lima (2008) no que se refere às construções poéticas de Abreu; Freud (1996) sobre o estranho; Jung (2008) em relação ao conceito de *persona*. Sob este modo de representação, o que se destaca nos seres ficcionais é o não reconhecimento de si motivado pela condição de estranhos que na ficção de Caio constituem elementos motores para se falar de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Caio Fernando Abreu, “Pela noite”, Personagens, Homoerotismo, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

O poeta gaúcho é reconhecido pela crítica como um escritor que elege temáticas ligadas ao homoerotismo expresso pelos indivíduos ficcionais através de aspectos que envolvem o si mesmo e/ou o outro, o vazio da vida nos grandes centros urbanos, a situações de solidão, de sexualidade e de identidade. Os textos do escritor propõem uma visão marcada por valores e ideologias que colocam em foco a liberdade individual, sobretudo, no que se refere a sua aceitação no meio ao qual está inserido (OLIVEIRA, 2014). Seus personagens são sujeitos urbanos que se esfacelam na busca de uma identidade, havendo um destaque para as identidades homoeróticas, o que podemos observar em contos como “O rapaz mais triste do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mundo”, “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da Sanga”, “O pequeno monstro”, ambos publicados em *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988). Segundo Lima (2008, p. 03): “Caio Fernando Abreu é reconhecidamente o autor que elege a homoafetividade como tema constante de sua obra [...]. Suas personagens geralmente são, sujeitos estranhos, que existem dentro da solidão urbana, à procura de uma afirmação tanto social, quanto sexual.

É oportuno destacar que a representação do homoerotismo na literatura, não aparece apenas na contemporaneidade, pois há recorrência do problema em outras épocas. Como não lembrar o romance *Bom-Crioulo* (1895), do cearense Adolfo Caminha? Porém, é na década de 70, com as ideias da contracultura que começa um debate em defesa dos interesses das minorias e, nesse contexto, e com mais intensidade nos anos 80 e 90, em decorrência das reivindicações de alguns engajados, é que o tema se propaga em textos literários. Convém assinalar que focar o tema do homoerotismo não é tarefa fácil, uma vez que a literatura de minorias – de negros, índios, mulheres e homossexuais – ainda é alvo de preconceito de alguns acadêmicos, por representarem uma reação contra o sistema dominante, e que, segundo alguns, se comparada com a literatura oficial brasileira não contém elementos poéticos significativos, que sejam considerados compatíveis com aqueles consagrados pela crítica literária, conforme afirma Santos e Weilewick (2003).

Em relação ao estranho Freud em seu texto intitulado “O estranho” (1919), relaciona-o àquilo que é angustiante, que provoca medo e horror, enfim, que é assustador; no entanto, remete também aquilo que é conhecido e familiar. Para Freud (1996, p. 239) “o estranho seria sempre algo que não se sabe como abordar”. Dessa forma, reside sempre na circunstância de que cada um de nós, muitas vezes, sentimo-nos perdidos e angustiados. Sendo assim, o uso da máscara inerente a esses sujeitos, que precisa recorrer a teatralização de si mesmo, o que acaba causando o esfacelamento da sua vida íntima, pois tal como afirma Lasch: “[...] as condições sociais vigentes [...] não somente encorajam uma contração defensiva do eu como colaboram para apagar as fronteiras entre o indivíduo e o meio” (1986, p. 12). É esse instinto de defesa, em busca da sobrevivência, que leva o indivíduo a desencadear uma confusão psíquica entre o eu e o não eu.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Pela noite”, integrante da obra *Estranhos estrangeiros* (1996), do escritor Caio Fernando Abreu, dando destaque a questão do homoerotismo e da sexualidade que são desencadeadas por meio de uma procura incessante de si mesmo e do outro. Nesse sentido, as contribuições teóricas dos estudos de Oliveira (2014), Lima (2008) no que se refere às construções poéticas de Abreu; Freud (1996) sobre o estranho; Jung (2008) em relação ao conceito de *persona* são fundamentais uma análise da narrativa.

Optamos por estudar o universo ficcional de Caio Fernando Abreu por considerarmos que sua prosa é representativa da temática que nos propomos a investigar. Além disso, é pertinente destacar que se trata de um autor contemporâneo que em sua produção literária coloca em destaque questões ligadas ao homoerotismo e a sexualidade, que, geralmente, aparecem ligadas a um processo de estranhamento dos sujeitos, o que desencadeia problemas identitários.

“Pela noite”: o mascaramento de dois sujeitos com identidades homoeróticas

O conto “Pela noite”, publicado pela primeira vez em *Triângulo das águas* em 1983, é narrado em terceira pessoa através de um narrador onisciente e onipresente, o qual é capaz de se permitir posicionar-se, algumas vezes, em primeira pessoa para revelar as vozes interiores das personagens, tendo em vista que ele sabe tudo sobre elas e sobre seus pensamentos e conflitos interiores. Conta a história de Pérsio e Santiago, dois sujeitos migrantes da cidade interiorana, Passo da Guanxuma, que residem em São Paulo. No início da narrativa, em uma semana antes aconteceu o primeiro reencontro dos dois em uma sauna gay. Numa noite chuvosa de julho, Santiago resolve aceitar o convite de Pérsio para ir visitá-lo em seu apartamento, onde começa um jogo de sedução que vai ganhando contornos conforme é construída a narrativa em meio aos conflitos interiores das personagens, principalmente de Pérsio, que não aceita sua condição sexual. Ao sair do apartamento para curtir a noite de sábado, que marca toda a duração da história, dirigem-se para uma pizzaria, onde falam da cidade natal, que, aos olhos dos dois, configura-se como preconceituosa em relação as suas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sexualidades, pois, desde a infância, carregam o “rótulo” de que são gays. Após esse momento de troca de experiências, saem pelas ruas movimentadas da cidade e dirigem-se para bares e casas noturnas frequentadas por homossexuais. De forma específica, Pêrsio vivencia o efeito de estranhamento de si mesmo, haja vista que desde o início da trama ele concebe sua sexualidade como problemática, pois não se reconhece em seu corpo. É visível que Pêrsio possui uma homofobia internalizada.

O encontro entre os amantes começa em uma sauna gay. É através desse encontro que Pêrsio convida Santiago para lhe fazer uma visita ao seu apartamento. O convite para o encontro flui de forma inesperada, sem planejamento, denotando o desejo de Pêrsio de ter o amigo por perto. O encontro serve de motivo para que Santiago expresse, do ponto de vista do narrador, uma sensação esquisita “de que não gostava, o passado abrindo súbito esse baú mofado para trazer de volta fantasmas esquecidos, que não era, como supunha um desconhecido na grande cidade [...]” (ABREU, 1996, p. 82). Os seres ficcionais já se configuram como estrangeiros pelo simples fato de não estarem no seu espaço de origem, tendo em vista que ambos passaram por um processo de deslocamento, saíram do interior, onde eram considerados diferentes pelas suas sexualidades homoeróticas, para a capital paulistana, lugar em que o julgamento persiste, já que na metrópole a identidade gay desses personagens é delineada pela descrição dos ambientes de convivência homoafetiva que eles frequentam, demarcando limites territoriais e comportamentais, o que se configura como “guetos” gays.

No entanto, há entre Santiago e o seu companheiro de infância, a partir do encontro, uma cumplicidade e uma carga de afeto que fortalece a estadia de ambos naquele espaço estranho, afinal podem confiar um no outro. Nota-se que esse reencontro é responsável por colocar em foco novamente sentimentos esquecidos do passado. É interessante observar que esses dois indivíduos, no começo da novela, são estranhos também para o leitor já que são mencionados apenas pelo pronome pessoal “Ele” e pelo pronome adjetivo “Outro”, como evidente na voz do narrador: “De onde estava, no canto oposto da sala, o outro tinha a impressão de que ele alongava uma por uma as vértebras, até atingir a altura do pescoço que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

se erguia, ao abrir os braços feito uma criança [...]” (ABREU, 1996, p. 56 *grifos nossos*). Na sala, espaço caracterizado como pequeno e que sugere aperto, aprisionamento e de certo modo a aproximação dos dois, ambos conversam, tomam vinho e Pérsio realiza uma espécie de batismo, quando passam a ter nomes “emprestados”, afinal até esse ponto da narrativa não dispunham de uma etiqueta/nome com as quais fossem identificados, como podemos visualizar na seguinte passagem:

Feito uma espada, para tocá-lo litúrgico no ombro direito. Como se sagra-se rei a um cavaleiro.

- Você vai se chamar Santiago. Tens que jurar fidelidade eterna a esse nome. Eu te batizo, Santiago, no meio da noite fria de julho. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. [...].

- Pérsio, de agora em diante eu vou me chamar Pérsio. (ABREU, 1996, p. 64).

A cena remete a algumas cerimônias simbólicas sobre o ato de nomear que aparecem em relatos bíblicos e míticos que demonstram o quanto as sociedades valorizam o momento em que o indivíduo recebe um nome, entre as quais podemos citar, como exemplo, a cerimônia realizada pelo Rei Artur para consagrar seus cavaleiros, os quais deveriam, a partir daquele momento, lhes jurar fidelidade; a consagração do batismo realizada pela igreja católica através do qual a criança passa a ter um nome e ser cristão perante às leis divinas. Dessa forma, ao utilizar os nomes como máscaras, esses homens parecem assumir a condição junguiana de *persona*, responsável por propiciar um efeito sobre os outros (social) e por outro lado ocultar sua verdadeira natureza (eu interior) a fim de criar uma imagem ideal (JUNG, 2008). O mascaramento desses homens funciona como uma forma de fuga, uma tentativa de se livrar de qualquer sentimento de fracasso ou possíveis decepções já que os mesmos se envolvem num jogo de sedução ainda no interior do apartamento. Esse jogo de sedução no qual as personagens se envolvem pode ser evidenciado através dos devaneios de Santiago ao escutar músicas, enquanto Pérsio tomava banho. A partir da perspectiva do narrador onisciente e onipresente que prefere dar voz ao personagem, é possível afirmar que há um



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desejo latente em relação ao outro durante toda a narrativa, principalmente por parte de Santiago, porém Pêrsio tenta evitá-lo como forma de não assumir de vez sua sexualidade, demonstrando-se covarde em relação aos seus sentimentos.

Pêrsio vive ao mesmo tempo o desejo e o medo pela aproximação de Santiago. Há, nesse sentido, um jogo de dualidades que envolve proximidade e distanciamento, lembranças do passado materializadas através dos fluxos de consciência das personagens e questionamentos do narrador no presente que vão compor a afetividade dos protagonistas através da composição do amor ou ausência deste. O desejo de concretização desse amor é perceptível em toda a trama da narrativa e já é anunciado desde a epígrafe da novela que é composta por um trecho de Roland Barthes retirado do livro *Fragmentos de um discurso amoroso*, que reproduzimos a seguir:

Mas também, às vezes, a Noite é outra: sozinho, em postura de meditação (será talvez um papel que me atribuo?), penso calmamente no outro, como ele é: suspendo toda interpretação; o desejo continua a vibrar (a obscuridade é transluminosa), mas nada quero possuir, é a noite do sem-proveito, do gasto sutil, invisível: estou a escuras: eu estou lá, sentado simples e calmamente no negro interior do amor. (ABREU, 1996, p. 54).

A epígrafe, juntamente com o título “Pela noite” dão tom a narrativa que é construída a partir de um jogo amoroso que envolve a oposição desejo/preconceito. É possível afirmar que esses indivíduos vivenciam em si mesmo a noite, já que enfrentam um período de desencontro e escuridão nas suas vidas, que impedem os perigos inerentes a cidade dos amantes. Todo o desenvolver da trama sugere a tentativa de união entre as personagens, porém constata-se que Pêrsio tem uma sexualidade que tenta mascarar, o que o coloca na condição de estranho de si mesmo, pois ele não aceita a homossexualidade. Porém, apesar de Santiago conviver melhor com sua sexualidade, é ele que demonstra preocupação quando eles saem do espaço privado do apartamento e vão para uma pizzaria, pois teme que lá as pessoas os julguem como dois “frescos”, como as meninas chamavam quando eram adolescentes e ainda moravam na pequena cidade do Passo: “- Fresco – Santiago disse – Era *fresco* que se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dizia. [...]. Só fui trepar aqui, já tinha quase vinte anos. E cheio de problemas, beijava de boca fechada [...]" (ABREU, 1996, p. 100). A partir do resgate da cena, verificam-se os moldes da violência simbólica expressa nos pensamentos das personagens sobre como eram tratados no Passo da Guanxuma através de termos pejorativos como “fresco”, que no senso comum, de forma preconceituosa, serve para caracterizar uma pessoa do sexo masculino que carrega traços femininos. O fresco na narrativa está ligado ao viés ideológico que o termo carrega dentro da sociedade que se apresenta como machista e capitalista, ao passo que utiliza a palavra de forma pejorativa para caracterizar as pessoas que sentem atração por outras do mesmo sexo, enfim marca claramente o preconceito social.

Em virtude da não aceitação da sua sexualidade, Pérsio revela para Santiago que nunca conseguiu ter relacionamentos duradouros, pois além do preconceito social ele repudiava algumas práticas sexuais comuns aos rapazes que mantêm relações homoafetiva, como o sexo anal. Nojo que evidencia para Santiago através das seguintes palavras: “Fiquei com um nojo. Entre dois homens, amor é igual a sexo que é igual a cu que é igual a merda (ABREU, 1996, p. 111). O nojo aqui é metafórico, representa o nojo da sociedade em relação ao gay. Diante disso, a personagem o traspõe para o sexo anal, e de alguma forma está diretamente ligado a culpa que sente pela sua sexualidade, por não se aceitar como é. A relação homoafetiva para ele não se dissocia da prática do sexo.

Voltando ao passado, o narrador nos descreve uma cena confusa em que aparece um menino, Santiago, que ao invés de continuar seguindo os outros garotos em busca do que parecia uma montanha, acaba ficando para trás na companhia de uma outra criança, Pérsio, de traços esquisitos, como o narrador caracteriza. Não seguiu o caminho porque sente-se diferente dos outros e mais semelhante ao garoto, que juntamente como ele começa a rodar, como fica expresso na seguinte passagem: “Então rolaram [...] às vezes subindo com esforço pelo campo inclinado, os corpos se tocando mais, para depois baixarem mais velozmente, misturados um no outro” (ABREU, 1996, p. 140-141). Aqui os dois tornam-se um, restaurando, assim, a unidade perdida expressa no mito do andrógino. Esse momento caracteriza a primeira relação homoafetiva de Santiago, além de representar uma fase



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conturbada nas suas vidas, o início da adolescência. A tontura que parece ser proveniente do rodar dos dois simboliza a não compreensão dos garotos diante de tantas descobertas. Mas, o que acontece anos depois, é sufocado por não poder assumir seu verdadeiro eu, parte em busca do encontro de si mesmo na grande São Paulo, onde também não deixa de ser visto como diferente. Esse envolvimento é descrito com mais clareza pelo narrador através do fluxo de consciência da personagem Santiago, que está imerso em um processo de elaboração de um discurso sobre si:

Não saberia dizer qual das bocas avançou antes de outra para que se encontrassem vencendo o espaço molhadas, se misturando. [...] no campo inclinado brincando tonturas, trazida pelo vento veio uma voz chamando por seus nomes três, quatro vezes, uma navalha interposta afiada entre dois objetos colados, rasgando o inseparável (ABREU, 1996, p. 141).

Há em toda a narrativa uma veia erótica que atravessa de forma sublime a história narrada através das ações das personagens que se desejam e buscam se completar. O beijo configura-se nessa cena como a materialização da diferença desses dois sujeitos que decidem não partir juntos com aqueles que lhes veem com o olhar de discriminação e atitudes de quem não os compreendem. A navalha a que o narrador se refere carrega o significado do corte, do preconceito, que é responsável por interromper o momento de reconhecimento de si dos dois que descobrem-se “animais” e não atentam para os cheiros. É ainda o objeto cortante, que quebra com a unidade que ora encontrava-se restaurada. Ao se reconhecer “animal”, Santiago quebra a imagem de “Santo” que pode ser abstraída do seu nome Santo + Iago. Pésio e Santiago desencadeiam um processo de ambiguidades que não permite a eles terem certeza do que querem, de quem são ou de quem gostariam de ser, fato que constitui o jogo de máscaras na narrativa. Adentrando um pouco mais na trama narrativa, os protagonistas seguem à noite e vão perambulando por bares e boates em busca de diversão. É num desses lugares que eles reencontram Carlinhos, um conhecido de Pésio e com o qual travam um diálogo que desagrada Santiago, tendo em vista que mexem na sua ferida do passado, como podemos observar na passagem que segue: Vocês são mesmo caso? - Somos – disse Pésio. Apertou



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mais o ombro de Santiago. – O nome dele é Beto. Vivemos juntos há quase dez anos (ABREU, 1996, p. 127). Após essa brincadeira de mal gosto envolvendo Beto, ex-namorado de Santiago, ele decide que quer ir embora, afinal já era a segunda vez que Pêrsio brincava com algo sério. Vendo que seu amigo estava decidido realmente a sair daquele local, Pêrsio resolve ir atrás dele no intuito de contornar a situação e alongar mais a noite, já que a ideia de ficar longe o deixa descontrolado, fato que fica claro nas seguintes palavras: “- Não, você não vai embora. Pelo amor de Deus, você quer me ver fazer uma cena passional em plena frente do Deer’s? (ABREU, 1996, p. 131).

Durante o perambular pela noite, dois estranhos naquele espaço, Pêrsio pergunta se Santiago não deseja ir até terra do Marlboro, lugar onde “os homens se encontram. Ou se perdem às vezes, dá no mesmo” (ABREU, 1996, p. 133). O Marlboro é o espaço da realização e da liberdade e, conseqüentemente, da felicidade. Percebe-se, que o que desejam realmente é um lugar onde sejam aceitos, onde possam assumir a condição de sujeitos homossexuais. No meio do caos urbanos estão solitários, carentes, dividindo o mesmo espaço, os conflitos e as memórias do passado. Nesse jogo, procuram o reconhecimento de si no outro, a fim de que haja a possibilidade de viver um novo relacionamento e o outro viver uma história de amor quando os cheiros já não mais importarem. Cansados dos conflitos que permearam a noite de curtição, ambos decidem ir para casa. Já no carro, Santiago comenta o seu gosto pelas manhãs, fato também contrário ao gosto de Pêrsio, tendo em vista que esse é um típico sujeito da noite, do sombrio, do nebuloso que de fato representa bem sua vida devido ao fato de não poder usufruir da sua identidade homossexual de forma plena, tendo que obscurecê-la para o outro por meio de máscaras. Essa questão pode estar diretamente relacionada a sexualidade dos dois, a preferência pela manhã simbolizando o entendimento de Santiago sobre si e sobre sua condição sexual, afinal se expõe da forma como é; bem como, é comumente considerado o turno da razão, do trabalho, da lógica das coisas. A noite é fuga que separa lazer/trabalho, sobriedade/loucura, liberdade e libertinagem, a hora do álcool, da droga, do sexo, além disso simboliza o medo de conhecer o amor de Pêrsio, seus conflitos consigo mesmo e com o outro, é como se este turno fosse capaz de esconder seu verdadeiro Eu. De volta ao prédio do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

apartamento, Pérsio tenta convencer Santiago a subir novamente para tomarem um chá, no entanto ele prefere ir embora, não alimentando assim as expectativas do anfitrião da narrativa, como se observa no fragmento: “Estou cansado. Preciso ficar só” (ABREU, 1996, p. 140).

Já no interior do apartamento, Pérsio, depressivo, angustiado e mergulhado nos questionamentos, buscando compreender porque não tinha acontecido nada, volta-se para dentro de si mesmo, fato que fica visível através do trecho a seguir: “Caminhou para a janela como se fosse olhar para fora. Mas não queria olhar para fora. Queria talvez olhar para dentro, dentro-e-fora misturados, o céu sujo da cidade pregado na alma, se havia alma” (ABREU, 1996, p. 151). O olhar para fora a que a personagem se refere é metafórico, pois está relacionado com o fato de que ele precisa sair da introspecção para encarar de cabeça erguida os fatos, a realidade, o preconceito do outro. Há um medo constante de olhar para fora, pois teme o olhar discriminatório dos sujeitos que formam o céu sujo da cidade; na condição de estranho ele não se mostra por inteiro, por isso, olha pela janela já que esta não proporciona a visão do todo, mas apenas de uma parte a da imagem ideal construída com base nos padrões sociais relacionados a sexualidade, e obscurece a outra, aquela que mostra seu eu real, sua identidade homossexual. A janela é o liame entre a casa e a rua, conforto e desconforto, a ordem e a desordem que faz com que sua vida na cidade que considerava dos sonhos fosse na verdade um lugar de aflição e desprezo por parte do outro.

Diante das suas fragilidades, Pérsio, em um processo de autorreflexão, sente vontade de expressar suas carências através de uma carta para sua mãe que já está morta. Nela falava do desejo de mudar de casa, de cidade, de país, enfim “a vontade [...] de ser feliz, a vontade de ter um grande amor limpinho, bem clarinho, um amor de manhã bem cedo [...]” (ABREU, 1996, p. 150). No meio dessas divagações, a personagem descreve para o leitor um sonho vivo, colorido, em que parece haver uma transfiguração de personalidade, como se pode comprovar a partir do seguinte recorte em que o narrador expressa o pensamento da personagem em primeira pessoa: “[...] posso ouvir o ruído das águas caindo, caminho em direção à cachoeira pelo meio do mato, tiro toda a roupa, não, não, eu estou nu, o sonho todo, desde o começo, eu sempre estive nu [...]” (ABREU, 1996, p. 150). O sonho de Pérsio é



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

bastante simbólico, pois quando se põe nu ele busca revelar a si mesmo, sem cascas, sem máscaras. Há nesse fragmento, novamente, uma espécie de batismo através da água, elemento responsável por proporcionar a purificação de Pérsio que começa a sair da escuridão da noite para conhecer a luz do dia, ultrapassando, assim, sua condição anterior de não aceitação da sua sexualidade, fazendo renascer seu eu interior. Ao se introduzir nas águas límpidas da cachoeira, Pérsio torna-se matéria da própria natureza, inseparável, esse é um fato que deve ser aceito, isso ninguém pode mudar, como também não podem mudar sua sexualidade, nem os mais preconceitos que lhes veem como diferente, estranho. É através desse renascimento, que ele se mostra sem máscaras – aqui nos deparamos com o desmoronar das representações da teatralização até então assumida – não precisa se esconder mais da sociedade por ser quem realmente é.

Incentivado pelo sonho, Pérsio começa a se lembrar de outros fatos vividos e acontecimentos ocorridos durante a noite. É nesse momento que tanto Pérsio, quanto o leitor são surpreendidos pela volta de Santiago que toca a campainha. A última cena da narrativa é marcada pelo diálogo dos dois, através do qual é possível afirmar que eles, sobretudo Pérsio, nu, desprovido da roupa, encontram-se despojados dos invólucros falsos da persona criados por Pérsio, que seria, no caso, a questão dos nomes fictícios utilizados para mascarar suas condições de estranhos tanto no espaço em que estavam inseridos, como de si mesmo. Reproduzimos a seguir o diálogo: “- Eu não me chamo Santiago - ele disse. [...]. / - Eu também não me chamo Pérsio. Portanto não nos conhecemos. O que é que você quer? [...]. / - Quero ficar com você. / Provaram um do outro no colo da manhã. /E viram que isso era bom (ABREU, 1996, p. 153-154).

Ao deixar de lado suas identidades fictícias, os dois sujeitos têm a chance de ter um novo começo, afinal o término da noite representa também o fim das inquietações, traumas e conflitos enfrentados pelos protagonistas, que juntos agora preferem a clareza das manhãs. A manhã é o símbolo da catarse que ocorre na vida desses dois sujeitos, em virtude da carga emocional sofrida pelo drama de ser constantemente um estranho, um estrangeiro tanto para a sociedade, para o outro, quanto para si mesmo. Foi necessário haver e ter consciência do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

choque para se tornarem seres transfigurados. É oportuno evidenciar, que a última linha da narrativa dialoga com o discurso bíblico (Gênesis 1: 27-31), sobre a criação do mundo e da humanidade, no qual Deus, após seis dias de trabalho, consciente de que tudo que criara era bom e maravilhoso, resolve descansar. É com base nesse aspecto, que acreditamos que a narrativa “Pela noite” apresenta um saldo positivo, pois as duas personagens ao se aceitarem também percebe que aquilo é bom, e resolvem encarar as manhãs em paz consigo mesmos. Essa nova vida é iniciada no período da manhã, momento em que é iniciado um novo ciclo a cada dia.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. *Estranhos estrangeiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo. Martins Fontes, 2003.
- FREUD, Sigmund. O estranho. In: FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Traduzido sob a orientação geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18, p. 237-269.
- JUNG, Carl. *O eu e o inconsciente*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- LIMA, M. H. de. *Quando eles se amam: homoerotismo nos contos de Caio Fernando Abreu e Waldir Leite*. *Revista Travessias*, v. 3, p. 1-11, 2008.
- OLIVEIRA, Francisco Aedson de Souza. *Figurações do outro em Estranhos estrangeiros de Caio Fernando Abreu: a metáfora do estranho na representação das personagens*. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros/RN, 2014. (Dissertação de Mestrado)
- PLATÃO. *O Banquete ou Do amor*. 2. ed. Trad.; introdução e notas de J. C. de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1999.
- SANTOS, C. R. dos, WIELEWICKI, V. H. G. Literatura de autoria minorias étnicas e sexuais. In: ZOLIN, L. O. E BONICCI, T. (Org.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2003. p. 263-277.